

CORAZON DE LEON: UMA DIGRESSÃO PELAS IMAGENS DO CINEMA PARA PENSARMOS UM MODO DE ESCREVER “OUTRAS” HISTÓRIAS COM O CORPO

LION HEART: A DIGRESSION THROUGH THE CINEMA IMAGES TO THINK ANOTHER MODE TO WRITE OTHER STORIES WITH THE BODY

Dagmar de Mello e SILVA¹

RESUMO: conforme o título aponta, *Corazon de Leon* procura dizer com o cinema, daquilo que nos toca, nos afeta, nos instiga, nos ultrapassa, nos desloca e nos faz pensar as relações estéticas que estabelecemos com nosso corpo e o corpo do outro, em tempos de estetização dos modos de ser e estar no mundo. Trata-se de uma tentativa de colocar imagens em conforto onde “corpos estranhos” produzam revelações para pensarmos sobre si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Cinema. Imagens. Diferença. Alteridade.

ABSTRACT: As the title indicates, *Lion Heart* say with cinema, about thinks who touches us, affects us, instigates us, cross us, moves us and makes us think about aesthetic relationships with our body and the body of the other in times of aesthetization ways of being and stay in the world. It is an attempt to confrontation images of stranger bodies to produce revelations about ourselves.

KEYWORDS: Body. Movies. Pictures. Difference. Otherness.

O Corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.

(FOUCAULT, 2007, p. 22).

ATENÇÃO! CENA... AÇÃO!!!

Ivana Cornejo uma bela, alta e jovem advogada chega em casa disposta a relaxar da tensão provocada por um dia atravessado pelos problemas que vem enfrentando com seu ex-marido no escritório de advocacia em que trabalham, dividindo sociedade. Os dois vivem discutindo por conta de seus diferentes pontos de vista éticos. Além disso, Diego não se conforma com a separação e vive infernizando a vida da ex-mulher.

Naquele dia, Ivana se encontrava em um parque público e ao atender a um telefonema de Diego, iniciaram mais uma discussão da qual, Ivana, irritada, perde a cabeça e joga o celular longe, esquecendo-se de resgatá-lo. No entanto, ela não imaginava que estava sendo observada...

Já em casa, Ivana se prepara para relaxar de mais um dia atribulado; pega uma garrafa de vinho branco na geladeira e deixa a bebida escorrer pela taça até preenchê-la. Enquanto

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, lotada no Departamento de Educação do Instituto de Educação de Angra dos Reis. Professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Diversidade e Inclusão no Instituto de Biologia da UFF. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (UGF/1985), Mestrado em Educação em Linguagem e Subjetividade- (UFF/2002), Doutorado em Culturas Jovens - (UERJ/2009) e Pós Doutorado em Arte, Filosofia e Pensamento – (UERJ/2014). Atualmente desenvolve atividades de pesquisa e extensão que promovam Experiências Estéticas na interseção entre Filosofia e Arte. Contato: dag.mello.silva@gmail.com

espera sua banheira com sais encher com água morna, saboreia a bebida e liga sua secretária eletrônica para ouvir os recados deixados em sua ausência. Entedia-se com as vozes que ouve, mas um recado inesperado lhe chama a atenção.

- *Casa?*

Do outro lado da linha uma voz masculina e atraente, diz que está com seu telefone celular e que deduziu pelo termo encontrado na memória da agenda, que este seria o número de sua casa. A voz pede que ela lhe retorne antes que a bateria do mesmo se acabe.

Ela imediatamente retorna a ligação. Quem atende é León Godoy, um importante arquiteto que a deixa seduzida por sua conversa inteligente e bem humorada. Após uma conversa agradável, os dois decidem marcar um encontro sob o pretexto de ele devolver-lhe o celular e ao desligarem a ligação, a expressão destacada no *close* de seus rostos, deixa transparecer a expectativa de que algo mais possa acontecer...

É Ivana quem primeiro chega ao local de encontro. Ela olha para todos os lados na esperança de identificar Leon. Eis que é surpreendida quando este aparece à sua frente. Um homem simpático e sedutor que corresponderia a todas as expectativas que ela criou em sua conversa inicial ao telefone não fosse por um detalhe; Leon Godoy mede apenas 1,36m.

A expressão de decepção de Ivana ao se deparar com aquele homem tão pequenininho foi inevitável. Porém, Leon não se deixa constranger diante da situação e, na medida em que conversam, sem perceber, ela vai se descontraindo e se diverte com as colocações bem humoradas de Leon. Este por sua vez percebe a evidente tensão que ela vem vivendo e a convida para um passeio inusitado sob a promessa de que após aquela experiência ela estaria sentindo-se muito mais leve de suas tensões.

Mesmo resistindo inicialmente, o imenso carisma aliado ao poder de sedução de Leon acaba por convencê-la e deixar-se guiar por aquele homem que apesar do desconforto inicial que sua baixa estatura lhe provocara, estava lhe proporcionando momentos tão agradáveis, ao ponto de fazê-la esquecer, por algumas horas, seus problemas pessoais.

Naquela tarde, quando Ivana deu conta de si. Estava voando em um mono motor, pronta para dar seu primeiro salto de pára-quedas, engatada em Leon.

Esse foi o início de uma relação de amor que daí em diante passaria por incontáveis situações que colocariam em cheque o romance entre Leon e Ivana...

Até onde uma aparência fora dos padrões pode impedir um grande amor? Como um grande amor pode resistir a uma sociedade que reage com crueldade diante daquilo que desagrada aos olhos acostumados a uma estetização que padroniza modelos idealizados para os nossos corpos?

Para Leon sua baixa estatura não era impedimento para a realização daquele amor, mas para Ivana...

... Bem, Ivana teria que superar muitas coisas para assumir plenamente aquela relação.

Esta é uma das grandes surpresas de Corazon de Leon. Já assisti inúmeras comédias românticas em que seus protagonistas têm que enfrentar vários problemas até consolidarem um

“final feliz”, mas confesso que esta foi a primeira vez que ao invés de me encantar pela imagem do casal de protagonistas, me vi incomodada, em desconforto com a imagem de uma mulher de seus, aproximadamente 1,80 m relacionando-se amorosamente com um homem de 1,36 m. Mesmo que Leon demonstre ao longo de todo o filme ser um grande homem num corpo pequeno, insistia em mim a angústia por ele não ter a estatura mediana da maioria dos outros homens.

Ivana, por sua vez, tenta esconder seus questionamentos em relação ao amor que sente por aquele homem “diferente”. Mas, as pessoas ao seu redor, insistem, com suas atitudes e comentários, em reforçar essas questões.

Inicialmente ela evita apresentá-lo ao seu círculo de amizades, porém, ao ser pressionada por Leon, resolve levá-lo a uma exposição de fotografias organizada por sua mãe. Esta por sua vez, mesmo tendo por companheiro um homem surdo, não esconde sua insatisfação com a escolha da filha e inconformada com aquela situação, se justifica alegando que a aparência de seu companheiro é normal.

- *Calado ninguém percebe!* A mãe argumenta...

Várias serão as situações que farão com que Ivana pense em desistir dessa relação. Como quando Leon resolve fazer-lhe uma surpresa e vai visitá-la no seu escritório.

Sua secretária entra na sala com uma fisionomia de espanto e lhe comunica em tom de deboche que tem um anão aguardando por ela. Ivana fará de tudo para evitar que seu ex-marido veja Leon, mas o inevitável acontece e Diego inconformado por Ivana preferir a companhia daquele “homenzinho” à dele comenta com ironia: - *Eu não conhecia esse seu lado erótico Branca de Neve!*

Em outra situação, o filme demonstra o quanto nós precisamos nos distinguir de diferenças as quais não desejamos que nos tornem semelhantes, como quando Leon e Diego se deparam lado a lado em um sinal fechado e iniciam uma discussão. Os dois saem de seus carros para se enfrentarem e logo se ouve gritos e buzinas de indignação por pararem o trânsito. Diante de tanto ruído duas frases se fazem ouvir com nitidez..:

- *Vai bater em alguém do seu tamanho seu covarde!*

- *Volta p'ra floresta anãozinho!*

Mas, de tudo que aqui foi contado me interessa o instante em que se passa a primeira noite de amor entre Ivana e Leon. Ela está sentada na cama do quarto de Leon, um tanto quanto constrangida. Leon está de pé e começa a beijar carinhosamente seu pescoço. É quando Ivana se depara com a imagem da cena refletida em um enorme espelho diante dela e congela. Leon olha para trás e vê no espelho, seu corpo pequeno diante daquela imensa mulher. Pega o rosto de Ivana e, olho no olho, lhe diz...

- *Olhe só para mim... Nada mais importa... Me veja...*

Ivana e Leon se beijam e seus corpos se encontram na repetição em que a diferença produz potencia...

CORTA!!!!

UMA EXPERIÊNCIA LIMITE

Em seu texto introdutório na obra; *História da Sexualidade II – o uso dos Prazeres*, Michel Foucault (1984) expõe sua necessidade em provocar um deslocamento, para analisar o que “frequentemente é designado como progresso dos conhecimentos”. Foucault estava se referindo “aquilo que o levava a interrogar-se sobre as formas de práticas discursivas que articulam o saber” (p.12). Esta me parece uma preocupação que atravessa toda a sua obra.

Apoiado na ideia de que a experiência seria “uma coisa que pode e deve ser pensada”, Foucault deixa claro (pelo menos para mim), a intenção de produzir esse efeito com sua escrita. O que ele quer é que seus livros sejam lidos como “livros-experiência” mais do que “livros-verdade” ou “livros-demonstração” que de algum modo se afinam com essas praticas discursivas que instituem um modo supostamente correto de saber.

Entre os conceitos que Foucault nos deixou como legado, a “experiência-limite” abriu a possibilidade de uma estética de pensamento que acontece como algo que nos toma de nós mesmos e nos deixa diferentes de antes. E é nessa direção que venho tentando pensar todas as experiências que vivo.

Foi inspirada nessa perspectiva que venho aqui, compartilhar meu pensar através dessa escrita. Estabelecendo, também, relações entre os conceitos de Suspensão, Profanação, Igualdade e Amor, propostos por Masschelein e Simons (2013) e a história de Ivana e Leon.

Foi preciso que Ivana e Leon profanassem muito mais do que as “condições concretas e materiais²” do mundo em que vivem. Foi necessário e urgente que eles rompessem com processos de subjetivação que produzem modos “corretos” de ser e existir em um mundo que paga um preço muito alto por condicionar a existência humana às práticas hermenêuticas que, originadas da confissão cristã se transformaram, no mundo contemporâneo, em instrumentos pelos quais, formas complexas de poder produzem discursos que dizem quem somos e o que devemos fazer para conduzir nossas vidas. (FOUCAULT, 2004).

Para deixarem acontecer o amor que sentiam um pelo outro, Leon e Ivana tiveram que optar por uma dimensão ética da vida na qual “não se faz necessário saber exatamente quem somos, mas sim, nos tornarmos alguém que não éramos no início³”.

Se realizo essas considerações é porque desejo destacar que não é o sentimento entre o homem e a mulher o que mais me interessa aqui. Quando trago à cena o amor “entre” Leon e Ivana, tento falar de algo que acontece e torna possível nos transportarmos para outra temporalidade que está além do tempo histórico sem que tenhamos que nos destituir de nossas histórias. Uma temporalidade que nos permita suspender o tempo e viver relações comunais em que a presença de nossas diferenças não nos distinga em modos de existência encarcerados a valores culturais. Falo de um amor que ao ser experimentado e compartilhado possa “ativar nossa capacidade de renovar o mundo.”

² Para o materialismo histórico fundamentado em Karl Marx; a história está ligada ao mundo dos homens enquanto produtores de suas condições concretas de vida e, portanto, tem como base o mundo material, concreto, que por sua vez é organizado por todos aqueles que compõem a sociedade. Os modos de produção são históricos e devem ser interpretados pela forma como os homens estabelecem suas relações, para se desenvolver e dar continuidade à espécie.

³ Entrevista a Michel Foucault; GAUNTLETT, D. (2002). *Media, Gender and Identity*. London: Routledge.

É assim que entendo o processo de desprendimento de Ivana dos valores historicamente sedimentados em processos de subjetivação que nos despojaram da capacidade de “ver” o outro naquilo que ele é em potencia. Ao procurar um sentido para a palavra amor busco abrigo no movimento “que se expressa na abertura e compartilhamento do mundo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.84) profanando a sacralidade de “prescrições necessárias, de utilidade social que trazem o cunho de sua época” a fim de manter o rebanho abnegado de desejos que possam burlar a “ordem moral”. (NIETZSCHE, 2013).

Essa moral heterônoma, imposta, escolhida pelos dominadores, imposta pelo passado e predominante no presente pela vontade dos que representam os interesses do passado, é odiosa para mim. Quis substituir o “tu deves” pelo “eu quero”. O homem não é homem enquanto não puder praticar este grande ato de liberdade, que o tornará senhor de si, quando respeitará a dignidade alheia por amor à sua própria dignidade, e assim o fará porque quer e não porque deve. (NIETZSCHE, 2013).

Ao olhar para Leon e enxergá-lo além do espelho Ivana consegue *transver* em Leon uma igualdade que escapa de um mundo cuja vida predestina lugares e posições numa ordem social (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.68).

O que Ivana vê (a)través de Leon, só ela conhece, posto que seja da ordem do acontecimento, lá onde as palavras não conseguem abarcar com seus significados, trata-se de uma visão que nos aproxima naquilo que tanto nos (*in*)*diferencia* em nossa Humanidade.

A CORAGEM DA VERDADE

No início dos anos 1980, mais especificamente em seus cursos no Collège de France, Foucault procura problematizar a história da produção da verdade relacionando-a com o que ele chamou de *jogos de verdade*. Para o filósofo Francês os modos como foram concebidas historicamente as práticas de si - através das diferentes tecnologias de si - revelariam as condições em que fomos nos constituindo como sujeitos. Poder-se-ia dizer que Foucault nos aponta possibilidades, caminhos possíveis para uma “ontologia histórica de nós mesmos”.

Nessa direção, uma “ontologia histórica de nós mesmos” relacionaria o sujeito com a verdade, não como jogos de uma verdade iluminista, mas, como práticas que funcionam como dispositivos de *autoformação* resultantes de campos de forças que se confrontam através de práticas discursivas instituintes de modos de existência.

De modo algum Foucault se refere a uma produção da verdade amparada nas tradicionais definições filosóficas que condicionam a verdade a uma suposta realidade. Para ele, não se trata de um paradigma do conhecimento ou regra para a descoberta da verdade, o que importa para esse pensador são as condições e as transformações do sujeito a partir das diferentes tecnologias de si, ou seja, sob quais condições nos tornamos o que somos. Quanto a isso Foucault elege o Cinismo antigo e seu modo de exercer a *parrêsia* (dizer verdadeiro) como modelo de crítica e estética de verdade.

Em sua obra “A Coragem da Verdade” o filósofo nos convida a pensar a *parrêsia* Cínica como expressão potente do “dizer verdadeiro”, justamente por esta caracterizar-se por uma pedagogia do escândalo e da insolência, cuja ética dispõe de uma estética em que o corpo

é protagonista dessas práticas.

O “parrhesiastes” em Foucault é aquele que expõe seu espírito de um modo tão franco que torna difícil manter as negociações morais. Nessa concepção corajosa de dizer a verdade são reveladas as formas mais sutis das soberanias políticas que conservam “os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos” e que, ainda com Foucault podem “neutralizar os efeitos de poder ligados a seu próprio discurso” produzindo “Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, que sejam elas já instaladas ou próximas de ser” (FOUCAULT, 1977)

O corpo incerto de Leon é um corpo *parrésico* posto que nos coloca, dramaticamente, em confronto com o “jogo moral” entre aquilo que pregamos como palavras de ordem de um suposto discurso humanitário e o que as luzes desses discursos ofuscam em nossas práticas cotidianas. Mas, ao depararmos frente a frente com esses corpos que cintilam no confronto com as luzes, produzem sombras que nos falam sobre verdades que tentamos evitar.

No filme, o corpo diferente de Leon produz diferença, porque evoca a emergência violenta e inesperada de uma subjetividade que pode libertar “nós outros” de cegueiras institucionais mantenedoras de preconceitos escamoteados entre as tramas de discursos que não passam de falácias morais.

O corpo incerto de Leon é um corpo *parresiasta*, pois traz consigo, as marcas que sinalizam a existência de tantos outros corpos que não se enquadram aos nossos códigos e revelam de modo corajoso verdades que nos negamos encarar, mas que problematizadas poderiam potencializar infinitas possibilidades de Ser. A *parresia* que o corpo incerto de Leon propõe se relaciona ao “trabalho de nós sobre nós mesmos enquanto seres livres.” (FOUCAULT, 1994, p. 575).

Em *Corazón de Leon* encontramos-nos diante da afirmação da diferença em detrimento a qualquer forma de identidade que nos encerre em um modo determinado de Ser. Abertura para que nossos corpos liberem forças que escapem dos domínios de um poder que se exerce como representação, em que todos, temos que fazer parte de uma maioria. Leon se recusa a esse tipo de participação e recria sua vida optando por permanecer “menor⁴”, a partir da “criação de relações disjuntivas capazes de afirmar sua diferença⁵” e potencializar novas formas de Existência.

REFERÊNCIAS

CORAZÓN DE LEÓN

FICHA TÉCNICA

Título no Brasil - Coração de Leão – O Amor Não Tem Tamanho

Título Original - Corazón de león

⁴ “Em *Kafka, por uma literatura menor*, Deleuze aborda, junto ao seu amigo Félix Guattari, três características da literatura menor, são elas: a desterritorialização da língua, a articulação do individual com o político e o agenciamento coletivo da enunciação. E fim, para esses autores, tornar-se minoritário é desviar-se dos modelos majoritários que se encerram no universo das representações, é a possibilidade de extrapolarmos os limites dessas fronteiras e abrir espaços/tempos para a criação.

⁵ (MACHADO in DELEUZE, 2010, p.17)

Ano de Lançamento - 2013
Gênero - Comédia/Romance
País de Origem - Argentina/Brasil
Duração – 94 minutos
Direção - Marcos Carnevale
Estréia no Brasil - 19/06/2014
Estúdio/Distribuidora - H2O Films

DELEUZE, Gilles. *Sobre o Teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Rio de Janeiro; Zahar, 2010.

FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *História da Sexualidade II – o uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1984.

_____. “*L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté*” (entrevista com H. Becker, R. Fernet-Betancourt, A. Gomez-Müller) in *Dits et écrits, (1980-1988)*, IV, Paris: Gallimard, 1994, , p. 708-729.

_____. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Preface*. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto. (2) François de Sales. *Introduction à la vie devote* (1604). Lyon: Pierre Rigaud, 1609.

MASSCHELEIN, Jam.; SIMONS, Maarten. *Em defesa da Escola: Uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2013.

Recebido em: 10 de dezembro de 2015

Aceito em: 01 de setembro de 2016

